

capa

D.F. Lages

25 MAI 2003

CORREIO BRAZILIENSE



Roteiros de charme

Brasília reúne
uma série de
lugares que
são uma
verdadeira
delícia.
Confira

DALILA GÓES E FLÁVIA DUARTE // TEXTO
RICARDO BORBA // FOTOS

Até parece que a cidade é invisível. Quem vive por aqui reclama, de boca cheia, que não há nada no meio desse cerrado. Injustiça! E quando a gente fala do pôr-do-sol? De um almoço na feira? De uma reunião com a turma do

trabalho no boteco pé-sujo? Da tentativa de ver o presidente de bermudão na frente do Palácio do Alvorada? Torceu e retorceu o rosto, meu amigo? Calma. Experimentar cada pedacinho escondido, às vezes nem isso, de Brasília, é descobrir um pouco do charme quarentão da cidade. São programas tão simples e tão baratos que a gente

até duvida que possam ser divertidos. Dá para ir com a família, com os amigos, com o namorado, com o parente que mora do outro lado do país. Alguns lugares daqui ganharam a qualificação de *trash*, nome importado que batiza um quase "programa de índio". Pois os preconceituosos não sabem o que perdem. Os assíduos contaram à

Revista D por que é tão charmoso comer pastel na rodoviária, jogar sinuca no Conic, fazer churrasco no Parque da Cidade, devorar cachorro-quente na entrada da quadra. São coisas tão simples que já se incorporaram à rotina, mesmo que discreta, dos frequentadores que não trocam Brasília por nenhum outro lugar do mundo.

PÔR-DO-SOL NA PONTE

Segue em frente, dobra à direita, faz o balão, em frente de novo, Ponte JK. Raulino Silva aproveita os últimos minutos de sol. São quase 17h30, por enquanto está sozinho. Volta de uma entrega no Lago Sul. A parada a caminho do trabalho foi para acertar as contas com a paisagem. Raulino passa pela ponte tantas vezes na semana que acha um desafio nunca ter estacionado ali. Agora o comerciante jura que a parada virará hábito. Se assim for, vai encontrar todos os dias os amigos Paulo Roberto e Myllie Müenzer.

Desde que a ponte foi inaugurada, os dois estudantes a elegeram o lugar de onde se vê o pôr-do-sol mais bonito do Distrito Federal. A dupla vem do trabalho, na Asa Sul, só para ficar um pouquinho antes de seguir para a faculdade. Às vezes, quando têm mais tempo, andam com violão e casacos. Ficam até a hora da aula, por volta das 19h, e se incomodam com os malucos que passam a quase cem por hora e fazem as estruturas da ponte tremer. "As pessoas têm muita pressa. Muitas vezes esquecem da beleza que está bem na frente."

COM O PÉ NAS TRILHAS

O que se esconde no Parque Nacional? Falar do lugar é o mesmo que falar de Água Mineral. Mas o visitante não se diverte só dentro d'água. Os estudantes Edivaldo Nery, 19 anos, e Franklin Rios, 18, por exemplo, trocam as sungas pelos tênis, bermudas e camisetas bem frescas. É o uniforme dos trilheiros.

Com eles, nada de preguiça. Os jovens que moram na Estrutural optam pelo programa barato. Para economizar, escolhem a bicicleta para chegar ao Parque Nacional. Se deixassem as magrelas em casa, teriam que pegar dois ônibus. Nem pensar!

Pedalando, já chegam aquecidos e prontos para a caminhada. Até aí, só gastaram R\$ 3,00.

"Fui criado em um lugar tranquilo, numa fazenda de Minas Gerais. Nas trilhas posso matar saudades", explica Edivaldo, que jura que é um "bicho do mato". Para ficar perto da tranquilidade, ele reveza os passeios pelas trilhas da Água Mineral. Vai todos os domingos ao parque, mas é a disposição que escolhe o caminho: Trilha da Capivara com 1.300 metros ou Trilha Cristal Água, com cinco quilômetros. Haja fôlego!

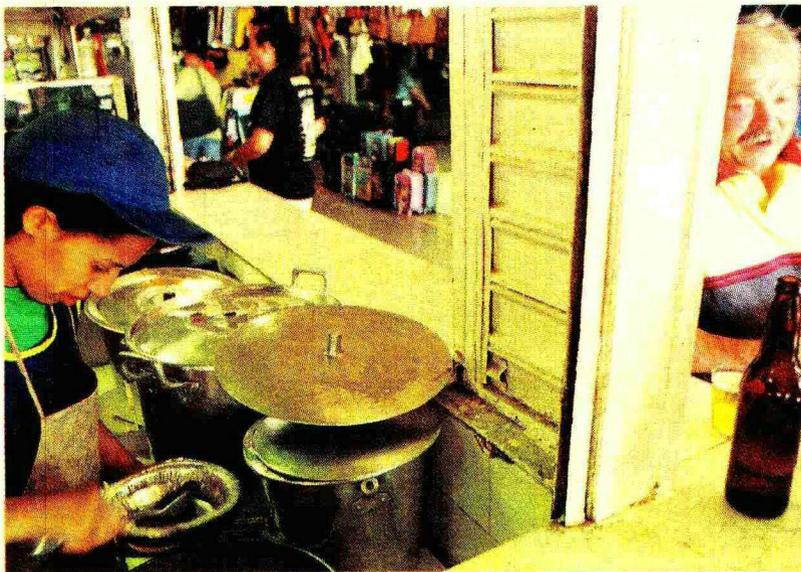


FRANGO COM FAROFA

Entre as árvores surge uma das principais atrações do Parque da Cidade, as churrasqueiras. Elas passam boa parte da semana ali, frias, inertes e inúteis. Aos sábados e domingos, a história é outra. Em dias de muito sol e disposição por parte dos brasilienses, é preciso chegar cedo e garantir uma churrasqueira no parque. Se bobear, sai até briga. Tem sempre aquelas famílias numerosas que se apoderam de mais de uma delas e uma mesa. Haja espaço para assar milhos, pães de alho, abacaxis, carnes, lingüiças e frangos. Haja espaço para distribuir vasilhas com maionese, arroz, farofa e vinagrete que complementam o cardápio.

É um banquete farto como aquele servido nos churrascos protagonizados por Francisca Fernandes, 34 anos. Pelo menos uma vez por mês, ela e as amigas reúnem filhos e maridos e seguem para o parque. Saem cedo de Ceilândia para garantir o melhor lugar (com sombra, claro!). As crianças são as primeiras a se amimarem com o passeio. Com tanto espaço e parquinhos de areia tão próximos, o programa se torna um dos preferidos dessa turma.

Ana Sara, 2 anos e 8 meses, e Endiara, 11 anos, adoram. A mãe, a dona-de-casa Iranice Mendes, faz do passeio um luxo. Leva almofadas e cobertores que forram o chão de terra vermelha do parque. Assim, ninguém reclama da falta de conforto quando bate o sono depois de um belo almoço.



HAJA COMIDA!

De longe é possível sentir o cheiro de comida feita na hora. Fácil seguir o odor e chegar até um dos restaurantes da Feira do Guará. Nas panelas fumegantes borbulham galinha caipira, tutu de feijão, farofa e couve bem picadinha. Se a preferência não for por comida mineira, os pratos nordestinos também fazem parte do cardápio da feira que recebe visitantes de todos os cantos do país. Ou moradores da cidade. Enfim, gente que quer matar saudades da terrinha e comer buchada de bode, sarapatel e mocotó.

Apesar de o restaurante ter nascido São Francisco, o dono, outro Francisco, diz que o nome do estabelecimento é em homenagem ao santo de devoção do pai. Quando chegou do Piauí há 25 anos, o pai de Francisco Vasconcelos, 49 anos, abriu o lugar. Uma vez instalado no Guará, nunca mais arredou o pé dali. “Vem funcionário público, turista, advogado e feirante. Gente do Guará e do Plano Piloto vem aqui só para comer o sarapatel, o cabrito ou o caldo de ovo de codorna com manteiga e carne moída”, conta Francisco, que chega às seis da manhã no restaurante e já coloca a mão na massa.

O restaurante de Eleuza de Fátima Cardoso também não faz feio. Rabada e torresmo são as preferências de quem escolhe a comida feita na hora em panelas de barro. Mas como Brasília é marcada por uma mistura de regionalidades, ela acrescenta o cabrito ao banquete de Minas. “As pessoas adoram”, conta Eleuza, que atende até 500 fregueses de quinta a domingo.

SINUCA NO SUBSOLO

Mais em frente, os rapazes é que ensinam a melhor coisa para fazer perto da Esplanada: jogar sinuca no Conic. No subsolo, próximo à galeria Miguel Badya, a turma se reúne a partir das 19h para uma rodada de cerveja, cigarros e futebol. As meninas também vão. Acompanham os namorados, os maridos e pretendentes e algumas dão show de tacadas. Para acompanhar a bagunça, caldo de carne, de feijão e batata frita bem oleosa. "E eu que nem sabia que no Conic tinha sinuca. Agora volto sempre", agradece a dica o funcionário público Marcos de Holanda, que agora sabe onde descarregar as energias negativas depois de um dia de trabalho.

NA BARRACA DO CAMELÔ

Ao lado da rodoviária, comprar roupa no camelô também é programa in. Quer o brinco da Sabrina, o cinto da Malhação, o chapéu da Babi? Tem tudo no meio do caminho entre o Conic e o Conjunto Nacional. Os comerciantes das grandes lojas odeiam, mas o povo adora. O preço é bem mais baixo, e como a moda dos artistas é mesmo descartável... "melhor comprar baratinho do que gastar uma fortuna no shopping", rebate Edileuza Ramalho, 32 anos, que com R\$ 5,00 levou cinco brincos de pena para distribuir entre as duas filhas e a sobrinha. Até a vizinha ganhou o presentinho da moda.



HAPPY-HOUR NA W2 SUL

Correr para a W2 Sul também é uma opção. Tomar um sopão, cozidão, caldão, cervejão, parece que tudo é "ão" nos bares que cruzam a rua nas proximidades da 13 até a seis. A exceção do percurso é o Bar Argeu, na 513, um braço do famoso e extinto Bar do Afonso, que ficava na 506. Bar familiar, abre de segunda a sábado, das oito da manhã até o último cliente. Um dos primeiros a chegar é o aposentado Ronaldo Parente, que de cliente faz as vezes de caixa e, se precisar, vira até garçom. A turma começa a aparecer na W2 Sul a partir das 18h, 19h para ver futebol, jogar conversa fora, batucar nas mesas. "É pé-sujo, mas é de família", garante Ronaldo, citando a lista de autoridades que frequenta o lugar. É barzão mesmo, sem luxo, com cheiro de dobradinha na panela e um povo engravatado fazendo graça e dando risada na porta. Quer melhor? Ah, vai pro shopping, então. Pois é, com tantos programas bacanas, quem é que disse que em Brasília não tem nada para se fazer? ■

PASTEL COM CALDO DE CANA

Se é por espaço e preço, o pastel com caldo de cana da Viçosa é o predileto de nove entre dez pessoas que encontram a Rodoviária do Plano Piloto no meio do caminho. É para comer rapidinho, nem precisa sentar. Quem aprova é o advogado Aldo Arrais, 44 anos (foto), que todos os dias, por volta das 17h, desce do Fórum, passa na rodoviária, come o sagrado pastel e segue para o escritório. Tudo isso a pé, numa rotina solitária.

Aldo já tentou levar os colegas, mas o preconceito alheio o incomoda. "É tudo tão limpinho, nem sei porque os colegas falam", aponta para o chão da pastelaria, limpo a cada minuto com rodo e pano. Até a mulher do advogado se incomoda com o hábito. "É que ela acha que eu como muita porcaria", diverte-se.

